

O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica*

Valéria N. de Oliveira Monaretto
UFRGS

Resumo: Este trabalho consiste em uma tentativa de estudo de variação e mudança fonológica em português escrito antigo. Partimos do exame da variável vibrante, que no português moderno passa por um processo de transformação, para buscar evidências de variações que atestem alofones e processos fonológicos. Na busca de fonte de material escrito, levantamos outras variáveis fonológicas em corpora de textos escritos nos séculos XVII e XIX e propomos uma tipologia das alterações ortográficas encontradas nesse tipo de material.

Palavras-chave: Fonologia diacrônica. Registros escritos antigos. Variação e Mudança.

Abstract: This paper is an attempt to study the phonological variation and change in the old written Portuguese. We started by examining the trill variable, which is undergoing a transformation process in modern Portuguese, in search of variation signs that show allophons an phonological process. In the search for written records, another phonological variables were raised in a corpora composed by written text of the 17th and 19th centuries. A typology of the orthographic alterations found in the referred material is propped.

Key words: Diacronic phonology. Old written records. Variation and change.

O registro escrito é uma das fontes mais valiosas para conhecimento da história das línguas. No século XIX, a mudança lingüística foi estudada através da lingüística histórica, que tinha por objetivo principal determinar o que aconteceu na história de uma

* Esta pesquisa desenvolveu-se com o auxílio das bolsistas de IC da Fapergs e da Propeq/UFRGS Gabriela Donadel, Kátia Bernadon e Giselle Silveira.

língua a partir de fontes escritas no passado, inferindo formas linguísticas perdidas e reconstruindo estágios não atestados entre formas atestadas. Atualmente, a perspectiva de análise da mudança linguística pela esfera histórica tem o propósito de descobrir indícios de variações e tendências linguísticas para saber como, quando e por que as línguas mudam. Por isso, é importante para as teorias linguísticas modernas trabalharem com a evidência histórica para estudar a estrutura das línguas.

A análise de um momento da língua no passado auxilia na identificação de estágios iniciais e intermediários de uma mudança linguística. Por outro lado, uma postura teórica não só deve conceber a questão da origem da mudança, mas a sua implementação e propagação. Estudo sobre a língua portuguesa brasileira sob esse pressuposto pode ser visto em Tarallo (1996),¹ entre outros, cujo trabalho representa, nas palavras de Matos & Silva (1999, p.162), o desencadear de uma nova e renovada orientação de pesquisa em direção à explicitação do passado do português brasileiro e um novo fluxo para os estudos históricos diacrônicos.

O rompimento das fronteiras entre sincronia e diacronia faz parte das orientações metodológicas gerais do estudo da mudança linguística por Weinrich, Labov e Herzog, em 1968, ao proporem o *uso do presente para explicar o passado*. A visão da mudança linguística, entendida como uma dinâmica relacionada com a heterogeneidade social, histórica e cultural dos falantes, dá um novo rumo às pesquisas históricas linguísticas.

Labov (1972) estuda a mudança linguística no presente, utilizando métodos analíticos e tratamento matemático em dados de línguas vivas, através dos quais seria possível verificar se uma determinada forma linguística está em extinção, em estabilidade ou em fase de renovação. Evoca o princípio do uniformitarismo, de acordo com o qual forças que impulsionam as mudanças em curso são as mesmas que agiram no passado. Para implementar a versão linguística do princípio do uniformitarismo,² Labov pressupõe que o presente e o passado atuem como contínuo de acontecimentos. O passado pode auxiliar na compreensão sobre a variação e a mutabilidade.

¹ Tarallo (1996) constata a presença de novos traços gramaticais no português brasileiro no final do século XIX pelo encaixamento linguístico de quatro casos de mudança sintática. Este pesquisador contrasta dados obtidos em estudos sociolinguísticos com registros de cartas, diários e peças teatrais escritos por brasileiros nos séculos XVII e XIX, em quatro períodos de 50 anos.

² O princípio do Uniformitarismo, criado por um geólogo escocês em 1785, foi originalmente utilizado pela Geologia, em oposição ao catastrofismo (Labov, 1972, p. 21).

The use of the present to explain the past then depends not only on new methods and new data, but also on locating points of contact and similarity between the present and the past that would justify the application of the new data (Labov, 1994, p. 20).

Assim, evidências nessas duas esferas auxiliam a reconstrução dos passos do mecanismo da mudança. O modelo sociolinguístico quantitativo laboviano, por meio da combinação de dados em tempo aparente e real, é um dos meios para realizar essa tarefa.

Buscar evidências somente no passado pode proporcionar equívocos de interpretação. Labov (1994, p. 295) mostra paradoxos de casos de fusão de fonemas, supostamente irreversíveis no registro da história do inglês, que sofreram ruptura, criando-se novas distinções. Pela abordagem variacionista, é possível observar que dados empíricos do presente podem refletir fatos que aconteceram.

O modelo quantitativo laboviano propõe, pois, observar a variação e a mudança linguística em uma comunidade através do exame de um estado da língua, em que a correlação de distribuição linguística de variáveis linguísticas entre faixas etárias pode indicar o avanço ou não de uma variável linguística. Se esse tipo de análise não representar mudança na comunidade, mas um comportamento típico de uma faixa etária, a observação, pelo exame de dois pontos discretos de tempo, pode solucionar problemas de interpretação. Entretanto, esta técnica de análise em tempo real, em seus diferentes tipos de estudo longitudinal (de tendência e de painel), enfrenta dificuldades. Conforme Labov (1994), a estratégia de repetir o passado, retornando à cena de um estudo, exige que a comunidade tenha permanecido em um estado mais ou menos estável, o que é difícil na história de uma língua.

If drastic changes in its demographic makeup have taken place, the changes we observe in language may have little to do with the logic of linguistic change in progress. What we observe is external change in the language (Labov, 1994, p. 76).

De modo semelhante, a investigação do passado em textos pode ser associada a um estudo em tempo real, em que se observam estados de língua. É sobre esse objeto de análise que este trabalho versará no sentido de contribuir para a descrição de registros escritos em português brasileiro e de buscar evidências de variações e de estágios da mudança de som na história da língua. A proposta, na qual esta pesquisa se insere, baseia-se no exame de documentos de português antigo e na categorização de alterações ortográficas encontradas nesse tipo de material.

O trabalho que será exposto tem cunho metodológico descritivo para a discussão futura do uso e da utilidade de registro escrito como fonte para estudos de variação e de mudança fonológica. Por isso, este estudo representa uma tentativa de investigação de fonologia diacrônica em registros escritos. Como resultado, espera-se: conhecer aspectos da língua da época de português antigo; saber se os documentos escritos refletem a expressão de dialetos falados e identificar a existência de uma tradição gráfica.

A variável escolhida inicialmente para teste de fonte de material para análise da variação e mudança fonológica é a vibrante, cujo estudo vem sendo de interesse ao longo dos anos para a autora deste trabalho. Estudos sobre a vibrante na fala do sul do Brasil indicam um processo de mudança, em que variantes típicas estão dando lugar a outras, como é o caso da vibrante alveolar, que diminui tanto em *coda* como em ataque em direção à fricativa velar, e o caso do *tepe*, que dá espaço ao apagamento em final de palavra. Esse processo é condicionado internamente pela posição silábica e pela classe dos verbos no infinitivo, no caso do apagamento. As demais variantes permanecem estáveis (Monaretto, 1992, 1997, 2002).

Este texto está organizado em duas seções. Na primeira, reviram-se as informações dadas sobre a variável vibrante na literatura da história da língua portuguesa, dispostas em três modos: registros históricos desde o latim ao português; processos fonológicos históricos e atuais; padrões usuais de escrita, encontrados em textos de português antigo. Na segunda, descreve-se o caminho percorrido para a obtenção de dados da vibrante em textos escritos e se expõem alguns dados de variações de grafia da vibrante obtidos. Além dos processos encontrados sobre a vibrante, expõem-se as alterações gráficas encontradas em *corpora* de português brasileiro, escrito nos séculos XVIII e XIX, com breves comentários sobre os casos que foram encontrados. Por fim, propõe-se, como parte da metodologia de investigação histórica em textos, uma categorização passível de análise.

1 Representação da variação fonológica em registros escritos

A utilização de dado histórico é extremamente problemática. A questão crucial é admitir se registros escritos representam a fala. Segundo Schneider (2002, p. 67), registros escritos funcionam como *filtros*, fornecendo-nos uma representação de um ato de fala supostamente ouvido.

As letras poderiam representar realizações de fala de um típico membro de uma comunidade de fala. Contudo é essencial saber o que é previsível na escrita e o que pode originalmente representar um evento da fala. Um variacionista que pretende resgatar a fala original por meio de registros escritos deve remover este filtro para tentar reconstruir a fala.³

As alterações gráficas existentes em textos escritos são de natureza diversa. É preciso estabelecer previamente uma taxonomia que separe os tipos de alterações ortográficas existentes. Para citar alguns exemplos, há alterações ortográficas decorrentes de: representações múltiplas (*caza por casa*); transcrição da fala (*despois por depois*); etimologia (*oje por hoje*); generalizações (*enteiro por inteiro*); segmentação indevida (*de mais por demais*); troca de letras (*sabemdo por sabendo*); relações segmentais (*sau por sal*), entre outros casos.

Além do estabelecimento de uma taxonomia de alterações possíveis de ortografia, é importante, para o estudo de variação e mudança em fontes escritas, distinguir registros significativos fonologicamente, que atestem possíveis indícios de estados da língua. Variações gráficas devem, pois, ser avaliadas e distinguidas.

These have to be evaluated against some kind of 'external' norms: do they represent (as far as we know) historically possible or likely developments, either from an etymological or a process-naturalness point of view? (Lass, 2003, p. 62).

Segundo Lass (2003), é possível atestar variação em fontes do passado, pois a ortografia sugere processos fonológicos. Porém não é sempre claro que dado escrito pode ser utilizado, pois transcrições podem ser exclusivas de escribas e de certos dialetos.

Problemas de representatividade do registro escrito não se entenderão neste trabalho. A idéia é levantar variações gráficas em documentos antigos que diferem da grafia moderna. Conforme estudiosos dessa área, a barreira de se estudar textos antigos é muito grande. É, nas palavras de Labov (1972, p. 11), *uma arte de fazer o melhor uso de dado ruim*.

Examinaremos um caso específico de uma variável fonológica.

³ Além do filtro, outras questões apresentam-se como problemáticas na utilização do registro escrito. Foi observado que o significado pode ser fator diferenciador de grafias. A interpretação de alguns casos de aparente metátese, por exemplo, podem ser falseados por interpretações semânticas do vocábulo utilizado na época. Formas como *esprito* (diabo) diferenciam-se de *espírito* (alma) na literatura vicentina.

1.1 A vibrante em textos de português antigo

1.1.1 Descrições sobre a vibrante na história do português

Nas descrições históricas da língua Portuguesa, a vibrante é considerada uma consoante que se manteve estável durante séculos e que, no português moderno, está passando por um processo de mudança. Descreveremos a seguir algumas observações de estudiosos que tratam de aspectos referentes à origem e evolução do idioma português encontradas em gramáticas históricas. Transcreveremos parte de relatos de alguns historicistas da língua, como suporte para a investigação em documentos escritos a ser desenvolvida posteriormente. As informações obtidas em textos normativos e descritivos fundamentarão a interpretação de dados.

Desse modo, organizamos esta seção de revisão bibliográfica conforme os dados históricos se dispõem nos textos de história da Língua Portuguesa, produzidos até a primeira metade do século XIX. Em primeiro lugar, levantamos registros sobre as realizações de variantes que surgiram da evolução do português. Em segundo lugar, reproduzimos o que se registra na literatura sobre os processos fonológicos sofridos pelo *r* na passagem do latim para o português. Em terceiro, referimo-nos a tradições gráficas utilizadas em época em que não havia uma normatização ortográfica.

1.1.1.1 O emprego de variantes da vibrante

Segundo Faria (1970, p. 105), a vibrante no latim clássico era realizada como pré-palatal com vibração da ponta da língua. Entre vogais, podia ser prolongada, dando a impressão de duas consoantes, grafadas como geminada (*ferru*) para diferenciar de *r* não longo (*feru*). Mais tarde, no latim vulgar, essa consoante geminada é simplificada, reduzindo-se ao que hoje no português se chama de consoante simples. No período românico, todas as consoantes duplas simplificaram-se, desaparecendo a geminação. Conforme Câmara Jr. (1985, p. 50), "*rr perdeu a articulação geminada, mas manteve-se distinto de r simples intervocálico, que sofreu uma lenização e se tornou o chamado r-brando, enquanto rr como r inicial mantinha uma articulação forte de vibração múltipla*".

Já as pronúncias uvular e velar aparecem em Lisboa no final do século XIX (Teyssier, 1997, p. 80), adquirindo-se, segundo Gonçalves Viana (1973, p. 102), uma articulação posterior. Tal mutação para este estudioso parece ter partido das classes altas das cidades. Silva Neto (1988, p. 627) afirma que tal realização fonética está muito generalizada em Lisboa e por todo o País.

Entretanto, a realização trêmula da língua (referida como palatal) ainda era recomendada no final do século XIX, conforme sugere a curiosa descrição de Jerônimo Soares Barboza:

Se a mesma língua, porém, formando dois arcos contrários a maneira de um *s* tombado, não intercepta totalmente o ar, e este, saindo por 'succussos', causa em sua ponta um movimento trêmulo, é a nossa Palatal Tremolante Líquida *R* como em *Caro*. E se o tremor se faz em todo o comprimento da língua e com maior força, é a Palatal Tremolante Forte *RR*, como em *Carro* (Barboza, 1830, p. 9).

As Gramáticas da primeira metade do século XX prescrevem a realização de uma vibrante similar a do latim, que é para alguns autores exagerada intencionalmente. No entanto, para outros, é vista como pedantismo:

As consoantes Geminadas deviam pronunciar-se no latim exatamente como as consoantes iniciais: de modo enérgico. Ainda hoje, no Português, o *R* inicial de ramo articula-se como os *RR* geminados de *carro* (Jucá Filho, 1945, p. 75).

O *r* final deve ser pronunciado sem exagero e não como fazem certas pessoas que querem passar por bem falantes. (Antenor Nascentes, 1941, p. 41)

As realizações velar e uvular, registradas nas peças de Gil Vicente no séc. XVI, são atestadas no português brasileiro no falar nordestino dos Estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Ceará e no Norte do País, como uma notável mudança de ponto de articulação com um sensível som aspirado, no final da segunda metade do século XX (cf. Bueno, 1944; Marroquim, 1945). Para Marroquim, a posteriorização da vibrante ocorre entre cultos e incultos e, para Bueno, está relacionada ao baixo grau de escolaridade. Rocha Lima (1968) diz que o *r* uvular decorre de *afetação viciosa*.

No Rio de Janeiro, Câmara Jr. (1985) observa que a variante uvular evolui comumente para uma fricção gutural. Segundo este autor, as inovações de variantes podem repercutir no sistema da língua:

Na realidade, está se desenvolvendo, tanto em Portugal como no Brasil, certo contraste entre pronúncia popular e a pronúncia normal, e a segunda resiste mal ao impacto da primeira com repercussões ao sistema fonológico das consoantes. Há pelo menos multiplicação de variantes posicionais, que alteram as suas relações dentro do quadro; é evidente, por exemplo, que a vocalização do [ʔ] velar reduza a distribuição da consoante e que o *r* uvular, ou ainda, a mera fricção gutural desmancha a relação fonética entre os dois /*r*/ portugueses (Câmara Jr., 1985, p. 56).

A realização aspirada [h], tão comum na coda nos dias de hoje no nordeste, parece ter surgido há pouco tempo, pois a aspiração não se fazia presente na época do português colonial, conforme nos indica Fernão de Oliveira:

Não quero deixar a experiência que me mostra não haver aspiração nestas terras. [...] é a aspiração um grande espírito/grande digo eu em comparação do acostumado nas letras e vozes. É esse grande espírito arrancado do estômago (Fernão de Oliveira, 1933, p. 42-43).

A realização da consoante em final de sílaba é distinta no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE). No PE, há um tepe, pela inserção de uma vogal no final da palavra:

Os cantadores de fado cantam amári, servíri, máli (mal). Mas não são todos os portugueses que proferem o i paragógico. A maior parte pronuncia amar. E há até cantadores que arrastam a pronúncia do r, constituindo uma sílaba final amá-re (Azevedo, 1880, p. 179).

O apagamento da vibrante em final de palavra, que nos dias atuais é um fenômeno quase categórico em final de verbos no português brasileiro, parece ter surgido no final do século XIX, conforme nos indica Teyssier (1997). O fenômeno de apagamento não é mencionado pelas gramáticas históricas e por estudos históricos antes da segunda metade do século XX. Jucá Filho, Marroquim e Chaves de Melo (op. cit.), entre as exceções, mencionam a queda da vibrante em coda interna e externa, levando-nos a crer que esta variante é recente assim como as variantes posteriores.

A partir das considerações acima, podemos supor que a realização da vibrante latina concorreu com outras variantes a partir do século XVI, segundo fontes literárias vicentinas. Entretanto, as descrições sobre a evolução do português brasileiro atestam que variantes posteriores, que surgiram a partir do final do século XIX, eram estigmatizadas.

1.1.1.2 Processos fonológicos

Na transição do latim ao português e na evolução do português, o *erre* reflete as seguintes modificações fonéticas, como informa a literatura:

(1) Alterações históricas do r: alguns exemplos

- a) *metátese*: inter>entre, super>sobre; semper>sempre; fremoso>formoso;⁴

⁴ Coutinho (1976, p. 149) diz que estes casos de metátese parecem remontar ao latim vulgar. Cita também outros casos provenientes do latim, *fresta* (de *fenestra*); *cabresto* (de *capistru*), *metro* (de *merulu*), *andorinha* (de *hirundine*), *quebrar* (de *crepare*). Não faz

- b) *assimilação*: per+lo>pello; persicu>pessicu, ersa>essa;
c) *epêntese*: stella>estrela (analogia de *astrum*); cranguejo>cangrejo>caranguejo;
d) *rotacismo*: placere>prazer, flaccu>fraco, obligare>obrigar; concludere>concluir (arc.);

O rotacismo é um dos fenômenos mais discutidos nas gramáticas históricas. Segundo Câmara Jr (op. cit., p. 55), a oposição entre /l/ e /r/ em grupos consonantais (fluir-'correr', fruir - 'gozar'), é lábil no português atual, preferindo-se o r. Mesmo na língua literária, há casos de variação livre (flecha/frecha). As duas realizações, em alguns casos, se encontram registradas em dicionários atuais, como, por exemplo, flauta/frauta, neblina/nebrina, plantar/prantar.⁵

Chaves de Melo (1981, p. 122) diz que muitos casos de rotacismo, ditos genuinamente como brasileirismos, são dialetismos portugueses (*marvado*, *arto*, *sordado*, *servage*, *paster*). Silveira Bueno (1944) afirma que esse fenômeno é muito antigo na língua e que do tempo arcaico até o clássico tivemos a mesma predominância da vibrante sobre a lateral. Em Camões, vê-se *pranta* e *praneta* (planta e planeta).

No português atual, Os processos em (1) são encontrados na fala também, segundo trabalhos variacionistas, com o acréscimo da *semivocalização* da vibrante na coda. Este fenômeno, segundo Silva Neto (1988, p. 627) está bastante difundido no português brasileiro, no nordeste e em uma área de Goiás. Ouvem-se formas como *bai-buleta* (de *barboleta* por borboleta); *coigo* (de *corgo* por córego), *oifo* (de *orfo* por órfão).

1.1.1.3 Padrões gráficos

Com o surgimento das primeiras obras literárias em língua vernácula, o Latim, por volta do século XI, era usado apenas em algumas obras científicas. No século XVI, a grafia era predominantemente fonética, e o índice de analfabetismo era muito grande. Portanto, poucos escreviam e se escrevia a partir das normas do

menção de época para o vocábulo *parlar* (de *parlar*). Jucá Filho (1945) traz o exemplo *graganta*.

Câmara Jr. (1953), ao defender a existência de um só fonema para a vibrante, alegando que a dualidade do r em português é aparente, traz um exemplo curioso de metátese no português popular. O vocábulo erudito *cirurgião* é pronunciado como *cirurgião*. Jucá Filho registra também a forma *cellorgião*.

⁵ O rotacismo de líquidas na coda (aluguel/aluguer) ocorre no português moderno. A questão de qual forma é a mais antiga é controversa entre os gramáticos históricos. No caso do exemplo citado, o dicionário Aurélio registra que *aluguel* originou-se por influência do vocábulo *alquilel*.

latim. Apenas em 1904 surge o primeiro acordo de unificação ortográfica de Gonçalves Vianna, que serviu de base para todas as reformas ortográficas com tendência simplificadora. No entanto, surgiram propostas de ortografia para o português nos meados do século XVI, baseadas em orientações fonéticas, pseudo-etimológicas e simplificadoras sobre o uso escrito da língua, as quais permitem analisar a variação na escrita. Passemos, então, para a identificação de algumas grafias recorrentes da vibrante.

A simplificação de geminadas no interior das palavras que ocorreu no latim vulgar, excetuando-se a vibrante e sibilante intervocálicas, implicou orientação na representação de sons com valores diferentes através de um símbolo único disponível no alfabeto.

Said Ali (1921, p. 12) comenta que a duplicação da letra foi o engenhoso expediente que ocorreu para diferenciar *carro* de *caro*, por exemplo, e que outros vocábulos (onrra; hõrra, rrainha, omrado) foram escritos com letras duplas para marcar o *r* rolado. A conveniência da duplicação, apesar de estranha e desnecessária em alguns casos, justifica-se desde que se leve em conta o antigo sistema de escrever, com a falta de sinais de pontuação e de hífen, por exemplo. Os proclíticos, pronunciados junto à palavra seguinte exigiram a duplicação da consoante, pois não se recorria ao emprego do sinal de hífen: *orreyno* (o reino).

Na grafia antiga, o *r* desapareceu em alguns casos, como reflexo de assimilação. Amaral (1943, p.93) indica que na língua arcaica, o *r* final de formas do infinitivo com o pronome oblíquo como *quero*, *quer-lo*, ou *que-lo* (< uel-lo), resultam na grafia *quello* e *quelo*.

Em vocábulos formados por prefixos, a recomendação de pronúncia de alguns gramáticos era de conservar o *r*-forte inicial, sem a necessidade de duplicação: *prorogar*, *prerogativa*, *derogar*, *abrogar*, *obreptício*, *subreptício*. O prefixo terminado por consoante era identificado na escrita. Para Antenor Nascentes (1941), nas palavras *abreptício*, *abrupto*, *abruptão*, *obringente*, *subrogar* e derivados, o *r* deve ser pronunciado forte e separado (ab-reptício).

Na grafia moderna, algumas das palavras iniciadas por *ab-*, criadas por derivação prefixal, apresentam variação de pronúncia evidenciada pela ortografia. O /b/ na mesma sílaba que o /r/, forma um grupo consonantal, cuja realização do segundo elemento é um tepe, diferentemente do que sugere a representação gráfica recomendada por Antenor Nascentes, em que o *r* deveria ser forte, como é o caso de *abrupto*, cuja forma latina é *abruptu* (ab-ru). Há caso de variação de registro ortográfico no dicionário como *abrenúncio* ~ *ab-renúncio*, derivados da forma latina *abrenuntio*, sugerindo duas possibilidades de pronúncia.

Observam-se também outras ocorrências gráficas do português antigo. Coutinho (1954) afirma que se encontra *r*-simples com o valor de dois (*tera* por *terra*, *recorer* por *recorrer*), e Júlio Ribeiro (1900) recomenda as letras *rh* em vocábulos derivados do grego, para garantir o erre forte, como, por exemplo, *rhetorica*, *rhombo*, *arrhas*, *catarrho*.

A combinação de letras e a sua forma parecem indicar alguns indícios de transcrições fonéticas, como o retroflexo e a aspirada. Há casos de grafias com a seqüência *rl*, para a palavra *carro*, transcrita como *carlo*, conforme atesta Amadeu de Amaral, ou *mihéis* por *mil réis*, encontrada por Bueno, para atestar uma aspirada.

Em anúncios de jornais paulistas do século XIX, no corpus coletado por Oliveira e Kewtz (2002), há casos interessantes que podem ser reflexos de pronúncia, tais como: *carrta* (carta), *vortá* (voltar), *morá* (morar), *compradô* (comprador), *descossoár* (descorçoar) dentre outros. Outra pesquisa revela que é possível encontrar representações fonéticas da vibrante, como é o caso do trabalho de Oliveira (2004)⁶ que examina as líquidas em 296 documentos escritos por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX, entre 1832 e 1894, e constata 146 ocorrências em que não se grafou o *r*; 75 ocorrências de metátese, entre outros casos.

As propostas de ortografia baseadas em orientações fonéticas parecem sugerir variações de registros escritos, ainda que a troca de um símbolo por outro possa não revelar problemas com a necessária diferenciação fonológica em contexto intervocálico. O fato de não haver uma ortografia oficial até 1904 permite supor que exista variação de escrita. É o que examinaremos a seguir.

Retomando o que foi exposto até o momento, a variação linguística não pode esquecer do passado, pois fontes escritas podem revelar pistas de estágios e de tendências de mudanças linguísticas, possibilitando identificar suas origens e propagação. Um exame de dados históricos pode auxiliar no estudo da mudança, feito em dados da fala de indivíduos de uma comunidade. Nesse sentido, examinaremos possíveis variações da vibrante do português brasileiro em fontes escritas.

⁶ Comunicação apresentada no VI Seminário do Projeto *Para a História do Português Brasileiro*, realizado de 29 de agosto a 2 de setembro de 2004, na Ilha de Itaparica - Bahia.

2 Dado de análise fonológica diacrônica: procedimentos para a investigação

Para coleta de variações de grafia da vibrante, formou-se um pequeno *corpus* de textos antigos do Rio Grande do Sul.⁷ Foram coletados cerca de 50 textos entre cartas pessoais, folhetos de distribuição pública, editoriais e classificados de jornais em museus e arquivos históricos, em Porto Alegre, datados entre 1831 e 1925.⁸ Estes textos foram transcritos segundo uma normatização estabelecida, além de respeitar critérios como fidelidade aos originais, preservação da configuração das linhas; obediência à grafia, à acentuação, a sinais de pontuação, bem como à ausência de letras ou sinais.

Inicialmente organizamos um conjunto de variáveis para controle das variações gráficas da vibrante. Procuraram-se as seguintes formas variantes para a vibrante:

(2) Variações de Grafia do r

- um r por dois (caroça/carroça);
- dois r no lugar de um (carrra/carra; rrato/rato);
- o emprego de r no lugar de l (cramar/clamar);
- a troca de r de lugar ou por outras letras (cardera/cadeira; frol/flor; hato/rato);
- a supressão do r (própio/próprio; comê/comer).

Embora se tenha feito a seleção de textos com estilo casual, foram encontrados muito poucos registros dessas variações no *corpus* coletado. Assim, examinamos obras literárias portuguesas⁹ e notamos que a frequência de variações gráficas também não foi alta, impedindo-se a metodologia quantitativa das formas em (2), com exceção dos casos de metátese e de rotacismo. Eis alguns exemplos:

7 A formação de *corpora* de textos antigos faz parte dos objetivos do Projeto *Para a História do Português Brasileiro*, criado em 1997, sob coordenação geral do pesquisador Ataliba Castilhos. A partir desse projeto, estudos históricos diacrônicos receberam um grande impulso no Brasil. Têm-se publicado fontes manuscritas do português brasileiro, oficiais e particulares. No entanto não há banco de dados de textos produzidos no RS. A documentação textual mais antiga à disposição nos arquivos históricos de Porto Alegre é de 1764.

8 O *corpus* foi coletado nos Museus Júlio de Castilho, Hipólito da Costa; no Instituto Histórico e Geográfico do RS e no Arquivo Histórico do RS.

9 Foram examinadas as Obras Completas de Gil Vicente, de Bernadim Ribeiro e crônicas de Fernão Lopes.

(3) Variações de grafia do r encontradas em obras literárias

- r por dois: *occoreo, fero, more,*
- dois r no lugar de um: *verrá, terras (terás), querriam, rrezam,*
- o emprego de l no lugar de r ou vice-versa: *plaser (prazer), compretando, miragre, craramente, frores, alvalá, craro, acorrimento (acolhimento), Catalina, simpres*
- troca de r de lugar: *intervista, pertender/pertendida, preto (perto), lertas, esprito,*
- a supressão do r: *aquestra (orquestra), ave(r)ia, chefe (chefe)*
- outros: *catarrhos, mouro (morro).*

Os dados não revelam casos de dupla grafia em coda (carrra, marr) que pudessem indicar uma variante forte, ou de supressão em final de palavra, como foi identificado na pesquisa de Oliveira (2004), em documentos escritos por africanos e afro-descendentes, na Bahia do século XIX. Os casos de escrita com um ou dois símbolos de r não foram significativos no contexto intervocálico.

Os únicos processos passíveis de análise foram os casos de *metátese* e de *rotacismo*, com alta incidência nos dados, refletindo as informações de Bueno (1944) de que são processos que persistem desde o tempo arcaico e de Câmara Jr (1970) de que a oposição entre /l/ e /r/ em grupos consonantais está desaparecendo. O exame nos *corpora* de textos antigos do RS e em obras literárias vicentinas não revelou, pois, indício de registro de ortografia alofônica, mas somente de processos fonológicos de substituição e de troca de fonemas.

Por outro lado, há alterações ortográficas de diversas naturezas como casos de harmonia vocálica, monotongação, ditongação, neutralização, entre outros. No entanto, nem todo registro é significativo. Por isso, fizemos um levantamento de alterações ortográficas encontradas em documentos antigos para subsidiar uma taxonomia de dados potenciais, passíveis como evidências de variações fonológicas diacrônicas. Classificamos os dados, tendo por base as categorizações propostas por Tessari (2002), à luz da fonologia da Língua Portuguesa.

2.1 Interpretações de alterações ortográficas para o estabelecimento de uma tipologia

Examinamos outros dois tipos de fontes disponíveis: anúncios de jornais brasileiros do século XIX e cartas oficiais de caráter administrativo, escritas nos séculos XVIII e XIX.¹⁰ e identificamos alterações ortográficas da seguinte natureza:

- (4) Exemplos de alterações ortográficas em documentos antigos
- a) *elevação vocálica*: *ligítimu* (legítimo), *custume* (costume);
 - b) *substituição de segmentos*: *circumstâncias* (circunstâncias); *coarente* (coerente);
 - c) *omissão de segmentos*: *viages* (viagens), *coseguiram* (conseguiram);
 - d) *epêntese*: *caboculos* (caboclos), *obejetos* (objetos);
 - e) *ditongação*: *fais* (faz), *poude* (pode), *mais* (mas);
 - f) *desditongação*: *causo* (causou), *cadêa* (cadeia), *ropa* (roupa);
 - g) *metátese*: *intervista* (entrevista); *percizo* (preciso);
 - h) *Junção de palavra com Clítico*: *emsima* (em cima), *agente* (a gente);
 - i) *segmentação vocabular*: *em bora* (embora), *em baixo* (embaixo);
 - j) *grupo consonantal impróprio*: *assignatura* (assinatura), *captivar* (cativar);
 - k) *hipercorreção*: *sorpresa* (surpresa), *atrebuir* (atribuir);
 - l) *dígrafos lh, rr*: *agradeço-li* (agradeço-lhe), *teritorio* (território);
 - m) *representação múltipla do fonema*: *doiz* (dois), *despaxo* (despacho);
 - n) *representação de -am e -ão*: *estimão* (estimam), *tam* (tão);
 - o) *geminadas*: *elle* (ele), *anúncios* (anúncios);
 - p) *etimológicos*: *oje* (hoje), *pharmácia* (farmácia).

Os casos mais frequentes dizem respeito aos itens *m* a *p*, representando 70% dos dados aproximadamente. Estes casos representam lapsos de grafia; variações gráficas de fonemas, que podem ser representados por diversas letras; uso de letra que não representa o fonema; associações etimológicas, etc. Em todos esses ca-

¹⁰ Os anúncios de jornais foram retirados do livro GUEDES, Marymarcia e BERLINCK, Rosane. *E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. v. 2, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2000, 465 p. As cartas oficiais foram escritas na Paraíba nos períodos colonial e imperial brasileiros. Esses manuscritos foram transcritos e digitalizados, editorados em CD de organização de Maria Cristina de Assis Pinto Fonseca.

sos, acreditamos que não haja relação fonológica, mas é preciso aprofundar essa concepção com associações teóricas de estrutura da língua e com dados de variação.

Excluímos esses casos da Tipologia passível de análise fonológica, por entendermos que o fonema foi alterado por questões de variações de grafia possíveis pela relação letra e fonema. O caso do fonema /s/, por exemplo, pode ser representado por diversas letras, não alterando seu som. As sequências com nasal, como *-am*, e *-ão*, por exemplo, têm sons idênticos nos tempos passado e futuro, proporcionando, pois, um emprego aleatório.

Por outro lado, o dígrafo *lh*, assim como a lateral em início de sílaba, seguido de vogal frontal, permite variações de pronúncia, que podem ser coronal ou palatal, como, por exemplo, em *folhinha*, *filhinho* e *família*, *óleo*. O uso de um *r* por dois e vice-versa em contexto intervocálico, em comunidades monolíngües, parece estar relacionado ao aprendizado dessa letra em relação ao som em determinado contexto. Pesquisas em aquisição da escrita em crianças (cf. Rego e Buarque, 1999) revelam dificuldades na compreensão do dígrafo.

Por último, os registros com geminadas e transcrições semelhantes a formas latinas não refletem nenhum aspecto fonológico na Língua Portuguesa, desmerecendo, pois, tratamento. São apenas padrões de grafia de época.

As formas de hipercorreções foram concebidas como generalizações gráficas comuns na ortografia. Apesar de expressarem casos de analogia, há controvérsias de que possam ter algum papel social ou estilístico. Para essas situações e para alterações ortográficas que possam refletir algum processo fonológico, como é o caso da sonorização da fricativa na coda (*oz dois/os dois*), foi criada uma categoria classificatória chamada de *Outros*, na qual se encaixará os demais casos não contemplados nos textos examinados.

Em relação aos outros registros, que podem ser considerados como dados de análise diacrônica, é necessário distinguir os diferentes fenômenos envolvidos. No caso da elevação vocálica, há registros de harmonia vocálica (*ligítimu*, *custume*) e de neutralização de átonas (*procuru*, *tribus*).

Os casos de substituição de segmentos são de troca de letras que se relacionam com o mesmo fonema (*circumstâncias*, *felicidade*); de letras que não têm nenhuma relação com o fonema que substituem (*coutingências*, *coarentes*); de hipercorreções (*calzarem*) e de líquidas na coda que são substituídas na maior parte dos casos por vibrante (*simpres*, *reclutas*). Exceto o caso de substituição de líquidas, os outros nadam expresam fonologicamente.

A omissão de segmentos ocorre com nasais (honte) e líquidas (execicio) na coda, na maior parte dos casos; com fricativas na coda (meno) e com vogal no início da palavra (petrechos) e, quando seguida por /r/ (suprior, entreor). Há situações de queda de glide (primero, quera). Todos esses registros são possíveis na fala.

Os casos de epêntese são bem variados. Há inserções de vogais entre grupos impróprios (exceção), entre grupos com consoante perdida (adequerir) e a inserção de glide, formando ditongo (faiz, poude). As ocorrências são baixas. Por isso, deixaremos os casos juntos.

Os grupos consonantais impróprios, apesar de serem utilizados de acordo com a etimologia, podem ser analisados por dois motivos: pela resistência de grupos com velares ao longo dos anos, indicando que a qualidade da consoante pode ter algum papel, e pelas variações registradas no dicionário no português atual, como nas palavras *aspecto~aspeto*, *respectiva~respetiva*, *ignorar~inorar* e *facciosos~faciosos*.

Em relação à metátese, os registros encontrados são de casos exclusivamente com a vibrante. Por último, há muitos exemplos de proclíticos e de palavras segmentadas.

Com base nos dados encontrados nos *corpora* de textos antigos de português brasileiro e nas considerações acima, propomos em (5) uma tipologia preliminar para interpretar os textos e fazer considerações futuras sobre aspectos relacionados à variação e mudança fonológica do português.

(5) Tipologia de alterações ortográficas para estudo fonológico em textos antigos

1 Atonicidade das vogais

- 1.1 Elevação vocálica: piquena (pequena), fonti (fonte)
- 1.2 Harmonia Vocálica: ligitimo (legítimo), acostumados (acostumado)

2 Substituição de segmentos

- 2.1 Entre lateral e glide em coda: tão (tal), auguns (alguns)
- 2.2 Entre líquidas em grupo consonantal (r>l; l>r): simpres (simples), plazer (prazer)

3 Omissão de segmentos

- 3.1 No ataque: poblema (problema)
- 3.2 No núcleo: suprior (superior), entreor (interior), postriores (posteriores)
- 3.3 Na coda

3.3.1 consoantes: viages (viagens), meno (menos), honte (ontem), execicio (exercício)

3.3.2 glides (desditongação) assembléas (assembléia), ropa (roupa)

4 Epêntese (ditongação e inserção de segmento): fais (faz), adequerir (adquirir); chefre (chefe)

5 Metátese: intervista (entrevista) pertender (preciso);

6 Grupos Consonantais Impróprios: assignatura (assinatura), victima (vítima)

7 Alteração da Palavra com Clíticos

7.1 Proclíticos: impessoa (em pessoa), ioscompanheiros (e os companheiros)

7.2 Segmentação: em bora (embora), tam bem (também)

8 Outros: ocosião (ocasião), meos (meus), doiz autos (dois autos)

Essa proposta de categorização tem caráter preliminar. A distinção e classificação de alterações ortográficas têm por objetivo verificar e indicar que registros escritos podem ser utilizados para análise. A tipologia apresentada baseou-se nos casos encontrados nos *corpora* de português antigo examinados. Por isso, a terminologia utilizada para expressar os casos e a divisão dos processos em (5) têm caráter metodológico.

Concluindo, o exame em textos antigos revelou, pois, que é possível resgatar indícios de variação de certos tipos fonológicos. O pesquisador desse tipo de fonte de dados deve estar atento desde a busca de *corpora*, até a filtragem que deve estabelecer nos registros escritos que podem ser utilizados como dados de variação.

No caso da vibrante, apenas fenômenos como o rotacismo e a metátese são passíveis de análise. Outros casos, registrados na literatura como possíveis reflexos de variantes, como a retroflexa no dialeto mineiro (*Carlo/carro), a aspirada na Bahia (*mihréis/mil réis) e a vibrante alveolar em São Paulo (carrta/carta) parecem ser únicos e não foram identificados nos textos examinados. O apagamento da vibrante teve baixa ocorrência, confirmando a escassez de comentários sobre seu aparecimento, restrito aos negros. Outros registros podem, contudo, ser analisados. Para isso, é importante estabelecer preliminarmente uma categorização dos dados para interpretá-los.

A busca de dados em diferentes *corpora* proporcionou-nos montar uma tipologia das categorizações de alterações ortográficas existentes em textos antigos e atestar que os documentos escritos podem ser trabalhados como fonte de variação e mudança fonológica, pois refletem a fala.

Referências

- AMARAL, Vasco Botelho de. *A bem da língua portuguesa* – estudos críticos de filologia (vida da linguagem, lexicografia, polémica, estilo de Eça de Queirós). Lisboa: Edição da Revista de Portugal, 1943.
- AZEVEDO, Domíngos de. *Grammatica nacional ou methodo moderno para se aprender a fallar e escrever sem erros mesmo sem auxilio de mestre a Língua Portuguesa*. Lisboa, 1880.
- BARBOZA, J. S. *Grammatica philosophica da língua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Sciencias, 1830.
- BUENO, F. S. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1944.
- CÂMARA Jr. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CHAVES DE MELO, Gladstone. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- FARIA, E. *Fonética histórica do Latim*. 2. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1970.
- JUCÁ FILHO, C. *Gramática histórica do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: EPASA, 1945.
- LABOV, W. On the mechanism of linguistic change. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Hold, Rinehart and Winstion, 1972.
- . *Principles of linguistic change*. v. 1 – Internal factors. Blackwell, 1994.
- . *Principles of linguistic change*. Social factors. Blackwell, 2001.
- LASS, R. *Historical linguistics and language change*. Cambridge, University Press, 2003.
- OLIVEIRA, Fernão. *Grammatica lingoagem portuguesa*. Lisboa: Tipografia Belezza, 1933. (1ª ed. 1536).
- MATTOS E SILVA, R. M. V. *O português arcaico: fonologia*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- . Orientações atuais da lingüística histórica brasileira. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. especial, 1999, p. 147-166.
- MONARETTO, V. N. O. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras – UFRGS, 1992.
- . *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.
- . *A Vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- NASCENTES, A. *O idioma nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1941.
- OLIVEIRA, M.; KEWITZ, V. A representação do caipira na imprensa paulista do século XIX. In: DUARTE, M.; CALLOU, D. (orgs.). *Notícias de corpora e outros assuntos*. Rio de Janeiro: UFRJ, FAPERJ, 2002. v. 4.
- OLIVEIRA, K. *Rotacismo e outras rotas: as líquidas em textos de africanos e afro-descendentes no Brasil no século XIX*. Mimeo, 2004.
- SAID ALI, M. *Lexelogia do português histórico*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.
- SCHNEIDER, E. W. Investigating Variation and Change in Written Documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden, Massachusetts, USA: Blackwell, 2002.
- SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional, 1988.
- TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.
- TESSARI, E. *Operações fonológicas nas alterações ortográficas – a presença da fonologia na ortografia*. Dissertação de Mestrado. Ucpel, Pelotas, 2002, 154 p.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.